

Carta para Dalila

Soares Feitosa

Dalila, caríssima,
bom dia de bem cedo!

Os livros chegaram. A demora, a greve dos correios, presumo. Chegaram. Belíssimos. O livro-objeto-arte, que já falo nisto. Antes porém o susto de abrir um deles, sem ver de que, página 30, Sala de Fisioterapia, RETRATOS FALADOS:

*Em voz alta, tricotam
(duas laçadas, um ponto em falso, uma laçada, pula um)*

Então, elas, as mulheres, elas contam coisas, as banalidades essenciais do pão-nosso-de-cada-dia. Essencial! E, finalmente, o poema-tricô se completa na contemplação das lãs. Quase que vejo: o pé levantado num banquinho, a coxa em espaldar, com as mãos, agora, estirando os panos a contemplá-los: Vejam! Sim, vemo-los. Como se fora um pergaminho. O olhar em multi; o tacto da lã, a agulha com sua pontinha de quase anzol. Silêncios. Cuidado para não ferir. A ponta da agulha é para dentro. *Crochet*. Novas falas. O tempo. Essenciais. E um novo revirar de cores e tactos; assim mesmo, tactos, à la lusa, com um "c" de "tactar", um leve martelo... sei lá de que bater, Dalila! Afinal, a agulha de pontos só fere quando puxa para dentro.

.....

Dalila, vou cortar seus livros não, a colocá-los inteiros; não. Aliás, não devo colocá-los inteiros. Não é propósito do Jornal de Poesia concorrer com as livrarias nem com os direitos autorais. O projeto LIVROS DE INTEIRO TEOR, que estou levando adiante, visa a restaurar livros perdidos, em vias de desapare-



cer. Então, como última casa, o arquivo virtual do JP e respectiva "nuvem".

Veja, colega meu de juventude, o César Coelho, que Deus o tenha em *Sua glória*, sempre ligado às letras; eu, não, que só cheguei às letras de velho. Deveras, aos 50 é que vim-me descobrir nessa tentação de poeta, história inacreditada por muitos, às vezes até por mim mesmo. Pois bem, muito anos ausente, reencontro o César. Ele, aposentado, já recolhido praticamente aos seus livros de casa. Antes, graças a um senador também poeta, Cid Carvalho, conseguira ele editar, com muito sacrifício, o seu único livro, LUA



desativando. Pronto, digitalizei-o e coloquei inteiro no Jornal de Poesia. Hoje, qualquer consulta ao Google, de imediato, no ato, ligeiro como quem mete a mão por debaixo da saia da Pátria-viúva, lá está: Cesar Coelho —» Lua Cheia —» Jornal de Poesia. E, esplendoroso, o livro em inteiro teor.

Por outra, fico muito confuso se o livro de inteiro teor na Internet, em vez de atrapalhar a venda do livro de papel e tinta, pelo contrário, a estimula. Veja, o belíssimo GUARDA-CHUVAS ESQUECIDOS, do poeta Antônio Mariano de Lima, esgotado. Com autorização dele, cortei-lhe o espinhaço (do livro, é claro) para soltá-lo folha por folha e assim alimentar o scanner, e o coloquei inteiro na internet. Uma chamada no Facebook, minha cara Dalila, e choveram leitores, muitos afirmando queriam adquirir o exemplar físico, papel e tinta, porque só assim, apalpando, levando-o de um canto para o outro, riscando e quebrando o cantinho da página; outros, pelo contrário, com um zelo absoluto —, é que gostam de ler. O fato é que Mariano cumprirá a obrigação de reeditar o livro em papel e tinta para atender a procura suscitada pela edição de inteiro teor do Jornal de Poesia.

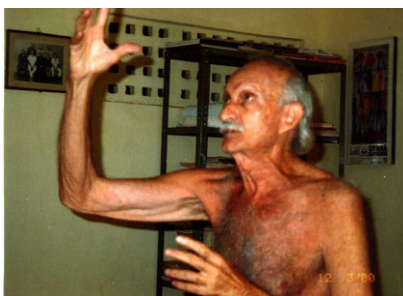
Fico-me a perguntar como serão os livros do futuro. Pergunto-me antes como foram os livros do passado. Os monges-copistas, com

CHEIA - um tempo quase infinito, laboriosamente, letra a letra... Ah, Dalila, retomemos O NOME DA ROSA, de Umberto Eco, a ver como era. O emprego de monge-copista? Tem mais não! Extinguiram o tal emprego que, à época, movimentava valores humanos e financeiros em bom volume. O mundo teria ficado pior? Com certeza, não. Muito pelo contrário: a imprensa, as letras impressadas por uma chapamatriz, *vapo, vapo, vapo, vaaáapo!* — eu já tipografei, adolescente, no muque, o veio do prelo, sei como é(ra) — é que proporcionou, a imprensa impressando textos, o acesso à cultura.

Pois querem agora acabar com o livro-imprensado! Penso que seja questão de dias. Os meus, estou acabando com eles, modo de dizer, digitalizando-os todos, algo como mil livro de uma biblioteca que, se guardados todos, chegaria a não sei quantos mil. Não sou, reconheço, um bibliófilo, no sentido estrito de amar o livro como objeto-livro; amo-o num sentido mais amplo, como veículo, o seu conteúdo, do lado de dentro, letras e garatujas. Como se fora uma remédio ou um bom vinho: nenhum apreço pelo continente, mas pelo de-dentro. O fato é que esvaziei três ricas estantes em jacarandá, às minhas costas, no gabinete de casa, e estou a digitalizá-los todos. (No escritório? Nenhum mais em papel-e-tinta, todos digitalizados; e já dei ordem: livros novos, só digitais; e se não tiver digital, compra-se em papel e, imediatamente, digitaliza, faça amolada para que te quero!). Claro que me dá pena! O exemplar de Giovanni Reale sobre Platão, em finíssima encadernação, obra de permanente releitura, *pleft!* - passei-lhe a peixeira e, de arrepiar, a destruição como objeto gráfico.

As estantes? Que alívio, agora livres para guardar coisas. A maior delas, num guarda-roupa para minhas cinco netas.

O bom dessa mudança, caríssima poeta, é novo manuseio que os livros digitalizados me trouxeram. Cada viagem a trabalho (Brasília, muitas horas de aeroporto e voo), é a chance de pegar o tablete, ou até mesmo o telefone, e ler livros que jamais esperei reabrir.



Que surpresa, Dalila, em encontrar coisas que imaginava tão distantes, por entre as poeiras dos armários. Agora, a um simples toque, no avião, reli o belo ensaio do professor e poeta Paulo de Tarso Pardal sobre o poeta José Alcides Pinto. No final, o link para esse trabalho.

Veja, num comercial de um colégio daqui, Ceará, o destaque maior: *O aluno ganhará um tablet com todas as matérias...* Livro de papel — para quê, Dalila? Nas repartições? Também estão acabando. Deveras, em termos de Diário Oficial, quantos milhares de páginas: papel, celulose, árvores e energia elétrica, quando agora, daqui a pouco abrirei na WWW o Diário Oficial do dia a ver meus assuntos de advogado?!

Fiz um cálculo grosseiro: diários oficiais do Executivo, Legislativo e Judiciário, federais, estaduais e municipais, no mínimo, todos os dias, algo como 200.000 folhas! Ou até muito mais! Só o Estado de São Paulo, quantos jornais oficiais, impressos, distribuídos até para quem não quer ler?!

Os tribunais, por sua vez, estão eliminando traças, baratas e papéis. Em O CASTELO, de Franz Kafka, a cena final do meirinho com seu carrinho atulhado de processos, encontra, perdido, um bilhete maluco que detonara todo o processo (nada a ver com O PROCESSO) ainda mais maluco... Pois agora está ele também desempregado. Pode?!

Estamos, tenho certeza, no limiar de um novo mundo. Tenho 70 anos, mas me sinto completamente rejuvenescido por este novo desafio: a tela do computador, tablete e telefone — tanto faz; piso em qualquer chão (ainda).



Tenho uma outra certeza porém: o livro físico não vai acabar. Há necessidade do livro-objeto para... para os festejos; a reunir os

amigos, a festa de sagração, o lançamento! Aí, sim, o livro de Arte, os seus livros, poeta Dalila, bons de ver/ler/ouvir, apalpar e guardar; o objeto táctil-visual, como se — o sagrado.

Meus parabéns pela poesia de alta qualidade que me mandou, estes três livros: DIURNOS, RETRATOS FALHADOS e ESTRANHAS FORMAS DE VIDA, caríssima poeta Dalila Teles Veras.

Fortaleza, 15 de maio de 2014, de madrugada.

O abraço.
Soares Feitosa.



Endereço para remessa dos seus livros para digitalizar:

Jornal de Poesia

Rua Barbosa de Freitas, 951, sala 10
60170-020, Fortaleza, CE
Email: jornaldepoesia@hotmail.com

Fotos e links:

Pág. 1: Lua Cheia, de Cesar Coelho:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/coelho.html>

Pág. 2: Guarda-Chuvas Esquecidos, Antônio Mariano de Lima:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/amlima.html>

Pág. 2: José Alcides Pinto:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/alcide.html>

Pág. 3: Paulo de Tarso Pardal:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ptpardal.html>

Pág. 3: Dalila Teles Veras:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/1dteles.html>